

Revista Brasileira de Marketing

E-ISSN: 2177-5184

admin@revistabrasileiramarketing.org

Universidade Nove de Julho

Brasil

Nogueira de Oliveira, Fábio
Amauta revisitado: a Indo-América de José Carlos Mariátegui (1895-1930)
Revista Brasileira de Marketing, vol. 6, núm. 1, 2007, pp. 65-71
Universidade Nove de Julho
São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=471747515008>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

Amauta revisitado: a Indo-América de José Carlos Mariátegui (1895-1930)

Fábio Nogueira de Oliveira

Bacharel em Ciências Sociais – FFLCH/USP.
São Paulo – SP [Brasil]
fabionogueira27@yahoo.com.br



Em um período de recrudescimento das lutas dos povos indígenas na América Latina, que culminou com a eleição do líder aymará Evo Morales à presidência da Bolívia, o pensamento do intelectual peruano José Carlos Mariátegui (1895-1930) tornou-se uma referência obrigatória à compreensão dos processos históricos e políticos e das contradições que envolvem o desenvolvimento das sociedades latino-americanas. Neste artigo, o objetivo é analisar as linhas gerais do pensamento mariateguiano em relação à sua interpretação do papel histórico dos povos originários, em geral, e do incaico, em particular, na arena política latino-americana.

Palavras-chave: América Latina. Indígenas.
Mariátegui. Modernidade. Socialismo.

1 Introdução

Segundo o sociólogo mexicano Nestor García Canclini, “[...] a hipótese mais reiterada na literatura sobre a “modernidade” pode ser resumida assim: tivemos um “modernismo” exuberante com uma “modernização” deficiente [...]” (2000, p. 67, grifos nossos).

O intelectual marxista José Carlos Mariátegui (1895-1930) fundou, em 1926, a revista *Amauta* (que, em língua quéchua, significa aquele que semeia; o semeador), que se tornou tribuna do grupo socialista da Aliança Popular Revolucionária Americana (Apra) e marcou um novo período de sua trajetória intelectual, ao combinar o “modernismo” da cultura incaica à “modernidade” de sua estrutura econômica coletivista (comunismo incaico).

Neste texto, o principal objetivo é demonstrar que as contribuições mais importantes de Mariátegui foram a categorização da luta indígena (campesinato indígena) e a defesa da atuação incaica – do ponto de vista do sistema econômico, político e cultural – para a construção do socialismo peruano. Suas reflexões em torno de um novo enquadramento para a questão indígena são amalgamadas a partir de um debate construído em duas frentes: a primeira, as polêmicas entre Mariátegui e o fundador do Apra, Haya de La Torre (1895-1979); a segunda, as contradições entre o grupo de socialistas peruanos, fundadores do Partido Socialista do Peru (PSP) – fortemente ligado ao pensamento mariateguiano – e a III Internacional Comunista (IC), que se acentuam, sobretudo, em relação às tarefas dos revolucionários a partir do “fato racial”. Ambas as frentes encontram-se documentadas nas teses *Punto de vista antiimperialista* (MARIÁTEGUI, 1991, p. 203-209) e *El problema de las razas en la América Latina* (MARIÁTEGUI, 1991, p. 210-257), apresentadas, respectivamente, na Conferência Sindical Sudamericana, em Montevideu, e na Conferência da IC na América Latina, em Buenos Aires.

Este estudo está dividido em duas partes: a primeira consiste em uma pequena biografia intelectual e política de Mariátegui, situando-o em seu tempo e tentando resgatar um pouco de sua polêmica com Haya de La Torre; a segunda analisa mais detidamente a tese *El problema de las razas en la América Latina* (MARIÁTEGUI, 1991, p. 210-257).

2 A trajetória intelectual e política de José Carlos Mariátegui (1895-1930)

O percurso intelectual de José Carlos Mariátegui é um exemplo único na história intelectual da América Latina. Nas palavras do sociólogo Florestan Fernandes:

Nascido de uma família pobre e tendo de prover o seu sustento precocemente, encontrou em suas atividades práticas os meios para promover sua auto-educação, para demonstrar e aperfeiçoar a sua vocação literária e para tornar-se o maior expoente do socialismo de sua geração e da década de 20-30 (não só quanto ao Peru, mas a toda a América Latina) [...] (FERNANDES, 1975, p. 12).

Nascido em Moquegua, interior do Peru, aos catorze anos de idade, José Carlos Mariátegui começou a trabalhar num jornal de Lima, capital peruana, como auxiliar de tipógrafo. Envolvido no ambiente intelectual e político da cidade, exerceu a profissão de jornalista nos periódicos *La Prensa* e *El Tiempo*. O trabalho e a colaboração nos jornais limeños inseriram o jovem Mariátegui (que na época assinava seus artigos com o pseudônimo de Juan Croniqueur) nos círculos intelectuais e artísticos peruanos que, indiferentes aos primeiros sinais de agitação política e mobilização popular e animados pelas bandeiras de libertação nacional e ruptura com a ordem oligárquica, preferiam embrenhar-se em uma estética decadentista e espiritualista. Por meio desse contato, Mariátegui tomou gosto pela literatura e pelo movimento artístico de sua época e tornou-se jornalista especializado em escrever artigos literários. A partir de 1918, rompeu com seus intentos literários e com a política hegemônica de seu país e iniciou sua aproximação com as idéias socialistas (MARIÁTEGUI, 1975).

Entre 1919 e 1923, Mariátegui viajou pela Europa como correspondente internacional e residiu por mais de dois anos na Itália, experiência que lhe permitiu estabelecer contato com o movimento operário e com o socialismo revolucionário (em particular, na Itália, ao cobrir o movimento grevista, a formação dos Conselhos de Fábrica, em Turim, e do Congresso do Partido Socialista, no qual houve o racha que levou à formação do Partido Comunista Italiano).

O casamento com a italiana Anna Chiappe e o nascimento de seu primeiro filho impossibilitaram-no de ir até a Rússia, nação do recém-instalado

regime bolchevique, mas não o impediram de percorrer a França, a Alemanha, a Áustria, a Hungria, a Tchecoslováquia e a Bélgica, onde teve a oportunidade de estudar os movimentos revolucionários que convulsionavam o velho continente depois da Primeira Guerra Mundial. Na Europa, Mariátegui teve contato com as idéias do anarquista francês Georges Sorel (1847-1922), do crítico literário italiano Benedetto Croce (1866-1952), de Dom Miguel de Unamuno (1864-1936), de Karl Marx (1818-1883) e de Lênin (1870-1924), referências constantes ao longo dos seus ensaios políticos, especialmente nos textos que publicou em *Amauta*.

O acesso de Mariátegui à teoria marxista, no entanto, não o tornou dogmático. Para o intelectual peruano, o marxismo não passava de um guia de interpretação da realidade social, que acompanhava o ritmo das transformações políticas e não se enquadrava em um rígido determinismo que condicionava a realidade em fórmulas abstratas. De acordo com suas palavras,

Marx no podía concebir ni proponer sino una política realista y, por esto, extremó la demostración de que el proceso mismo de la economía capitalista, cuanto más plena y vigorosamente se cumple conduce al socialismo, pero entendió, siempre como condición previa de un nuevo orden, en la capacitación espiritual e intelectual del proletariado para realizarlo, a través de la lucha de clases [...] (MARIÁTEGUI, 1991, p. 26).

Por sua vez, a recepção do pensamento leninista e dos acontecimentos do processo revolucionário na Rússia foi interpretada por Mariátegui como uma reação ao determinismo economicista predominante no pensamento social-democrata europeu, no pós-Primeira Guerra Mundial, que via o socialismo como uma continuidade natural do desenvolvimento das forças produtivas do capitalismo. Essa interpretação tem como maior expressão o pensamento de autores como Bernstein (1997) e Kautsky [19--].

El marxismo, donde se ha demostrado revolucionario – vale decir dondse ha sido marxismo – no ha obedecido nunca a un determinismo pasivo y rígido. Los reformistas resistieron a la Revolución durante a la agitación revolucionaria post-bélica, com razones del más rudimentario determinismo económico [...] (MARIÁTEGUI, 1991, p. 27).

A América também vivia sua "Primavera dos Povos", como refletirão os ensaios de Mariátegui sobre a Revolução Mexicana e a efervescência de "nacionalismos" e "americanismos", cada vez mais radicalizados, do ponto de vista do projeto político e de sua base social em países como Nicarágua, El Salvador, Cuba e o próprio Peru. É nesse contexto que o socialista peruano, sem cair no sectarismo ou isolacionismo, apontará de forma pioneira duas questões-chave à reflexão/ação do movimento socialista latino-americano: a recusa da tutela ideológica e política do proletariado e das massas campomessas indígenas e a defesa da ausência de uma etapa nacional da revolução socialista.

Em janeiro de 1923, embarcou, com a família, do porto de Amberes (Bélgica) rumo ao Peru. Ao chegar à capital peruana, Mariátegui tomou parte do movimento popular formado pela convergência entre o movimento operário e os intelectuais procedentes das lutas por reforma universitária, organizados em torno das Universidades Populares González Prada (UPGP) e da revista *Claridad*, ambas fundadas e dirigidas por Haya de La Torre. O movimento passou a assumir o caráter de Frente Única de Trabalhadores Manuais e Intelectuais.

Haya de La Torre decidiu organizar e nomear o movimento de Aliança Popular Revolucionária Americana (Apra), mantendo seu caráter de frente única e dando-lhe dimensão continental, a partir de seu exílio no México (que não o impedi de continuar na direção política das universidades populares e da revista *Claridad*). No interior dessa frente, no Peru, havia a convergência entre as teses de Mariátegui e Haya de La Torre, motivada pela necessidade de romper com a ordem oligárquico-imperialista que controlava o poder político e a vida social daquele país. Mariátegui insistiu na correção da política de frente única de todas as correntes do movimento operário e intelectual, porém tornou explícita sua posição socialista e marxista.

A fundação, em 1926, da revista *Amauta*, teve como objetivo torná-la a tribuna intelectual do setor socialista que integrava a Apra. As relações entre Mariátegui e Haya mantiveram-se cordiais até 1928, quando La Torre passou a defender, além de uma posição antiimperialista, o caráter democrático-burguês das revoluções peruana e latino-americana, o que abalou a organização da Aliança, pois deixaria de ser a frente única de todas as tendências ideológicas revolucionárias, visto que assumiria a condição de partido e frente das classes sociais. Já Mariátegui defendeu o caráter socialista da revolução peruana e a convergência do operariado urbano com o

campesinato indígena, para atuarem como sujeitos históricos daquela transformação.

O distanciamento entre Mariátegui e Haya de La Torre inicia-se com a ruptura entre a Apra e a III Internacional, no Congresso Antiimperialista de Bruxelas, em fevereiro de 1927. As polêmicas passaram a ter caráter mais explícito a partir de 1928, quando o grupo de Haya começou a organizar a frente (Apra) como partido político. Para o sociólogo Aníbal Quijano,

Sin embargo, por debajo de este problema, en realidad estaban en juego las cuestiones sustantivas del carácter de la sociedad y de la revolución en el Perú y en América Latina; el significado de las experiencias en China, México y Rusia; el problema del imperialismo y su papel en nuestros países; las alianzas de clases y la cuestión de la hegemonía social y política dentro de ellas. La corriente nacionalista-democrática, acaudillada por Haya de la Torre, y la socialista-marxista, que Mariátegui dirigía, disputaban la hegemonía y la conducción políticas del movimiento revolucionário peruano, que el APRA venía canalizando, desde 1924, em su carácter de frente única. La ruptura personal entre Haya de la Torre y Mariátegui no se producirá sino em mayo de 1928, tras una carta de aquél, de tono irônico e hiriente, en que acusaba al segundo de europeísmo y tropicalismo: 'Ponga-se en la realidad y trate de disciplinarse no con Europa revolucionaria, sino con América revolucionaria', admonizaba Haya [...] (QUIJANO apud MARIÁTEGUI, 1991, p. 122).

Em setembro de 1928, Mariátegui e seu grupo rompem com a Apra e fundam o Partido Socialista do Peru (PSP). No número 17 de *Amauta*, o editorial "Aniversario y balance" define o novo caráter da revista:

En nuestra bandera, inscribimos esta sola, sensilla y grande palabra: Socialismo. (Con este lema afirmamos nuestra absoluta independencia frente a la idea de um Partido Nacionalista, pequeño burguês y demagógico). (MARIÁTEGUI, 1991, p. 125).

Com o surgimento do PSP, impulsiona-se a auto-organização dos trabalhadores urbanos e, em maio de 1929, constitui-se o Comitê Organizador Pró-Central Geral dos Trabalhadores do Peru (que

viria a ser fundado em 1930). Em 1929, os delegados do PSP participam da I Conferência Sindical Latino-Americana, no mês de maio. Em junho, o médico sanitário Hugo Pesce (1900-1969) e o sindicalista Julio Portocarrero atuam como delegados do PSP na Primeira Conferência Latino-Americana da III Internacional, em Montevidéu, Uruguai, na qual é apresentada a tese sobre a questão das raças. Tal tese, depois de breve análise das diversas etnias distribuídas pela América Latina, concentra-se nos indígenas peruanos e atém-se à categorização da luta indígena por meio do método marxista. Embasando-se em uma teoria da sociedade peruana, Mariátegui defende a idéia de que a luta do campesinato indígena e sua organização coletivista da produção, o *ayllu*, se antagonizam ao poder dos *gamonales*, grandes latifundiários, o que representaria, em linhas gerais, o embate entre a mais avançada organização comunista da sociedade que já existiu, a incaica, e o poder feudal dos *gamonales*.

Os conflitos entre Haya e a Apra fizeram com que o grupo do PSP e Mariátegui se aproximasse da III Internacional, embora com alguns contratempos, porque, enquanto a IC defendia a imediata transformação do PSP em Partido Comunista Peruano (PCP), Mariátegui insistia em manter a independência do partido. Essa oposição de Mariátegui à IC, no limite, levaria a uma reaproximação com a Apra e validaria a idéia de uma etapa nacional burguesa para a revolução socialista no Peru. Ao mesmo tempo, os socialistas peruanos do PSP rejeitavam a fórmula da IC de enquadrar o problema indígena como decorrente da ausência, no Peru e demais países latino-americanos, de uma revolução burguesa de caráter antifeudal e antilatifundiário. Para chegar-se ao socialismo, no entanto, seria necessário passar por uma etapa nacional-burguesa na América Latina, apenas viável a partir da unidade política entre socialistas e comunistas e da burguesia nacional em oposição aos poderes feudais dos latifundiários (*gamonales*) (QUIJANO apud MARIÁTEGUI, 1991).

Não obstante essas divergências, em 1929, Mariátegui foi nomeado membro do Conselho Geral da Liga Antiimperialista, órgão impulsionado pela Terceira Internacional¹. Com a morte de Mariátegui, em 1930, o Partido Socialista Peruano (PSP) transforma-se, por intervenção da Seção Sul-Americana da III Internacional, no Partido Comunista Peruano (PCP), o que significou o ostracismo das idéias mariateguianas. O PCP reaproxima-se da Apra e incorpora ao partido as teses *etapistas* (inicialmente, a revolução nacional burguesa, e só depois a socialista).

3 O problema das raças na América Latina e o socialismo indo-americano

Na sessão de 8 de junho de 1929, da Primeira Conferência Comunista Latino-Americana realizada em Buenos Aires, os delegados socialistas peruanos apresentaram a tese *El problema de las razas en la América Latina* (MARIÁTEGUI, 1991, p. 210-257), uma importante contribuição sobre a questão racial nessa região. A tese dividia-se em duas etapas: a primeira, *Planteamiento de la cuestión*, foi escrita por Mariátegui; a segunda, *Importancia del problema racial*, redigida, a partir de um esquema de Mariátegui, pelo médico Hugo Pesce, delegado do PSP. Este estudo tratará da primeira parte dessa tese.

Em seu livro mais importante, *Sete ensaios de interpretação da realidade peruana*, publicado em Lima, no ano de 1928, Mariátegui afirma:

A fé no ressurgimento indígena não provém de um processo de “ocidentalização” material da terra quéchua. Não é a civilização, não é o alfabeto do branco, o que enobrece a alma do índio. É o mito, é a idéia da revolução socialista. A esperança indígena é totalmente revolucionária. O mito, a idéia, em si mesmo são agentes decisivos no despertar de outros velhos povos, de outras velhas raças em colapso: hindus, chineses etc. A história universal tende, hoje mais do que nunca, a reger-se pelo mesmo quadrante. Por que há de ser o povo incaico, que construiu o mais desenvolvido e harmônico sistema comunista, o único insensível à emoção mundial? [...] (MARIÁTEGUI, 1975, p. 21).

Em *Planteamiento de la cuestión*, o objetivo é questionar o pressuposto, inculcado pela classe exploradora (espanhola e, depois, *criolla*, nascida em terras americanas), de que as massas indígenas eram inferiores devido à sua inaptidão à civilização e ao seu arraigado primitivismo. Contrapondo-se a esse pensamento, Mariátegui parte da análise do desenvolvimento das forças motrizes do capitalismo latino-americano e peruano e da particular articulação entre imperialismo e dominação das populações indígenas: nos países latino-americanos, as burguesias nacionais eram extremamente débeis para exercer, sua hegemonia, sobre as massas campesinas e proletárias necessitando, dessa forma, associar-se às potências centrais do capitalismo. Seguindo esse raciocínio,

[...] esa clase no ha hecho otra cosa que reproducir, en esta cuestión nacional interna, las razones de la raza blanca em la cuestión del tratamiento y tutela de los pueblos coloniales [...] (MARIÁTEGUI, 1991, p. 211).

Para as elites peruanas e latino-americanas, a redenção cultural e moral das “raças indígenas” estaria em integrar-se à cultura dominante branca. Para Mariátegui, ao contrário, era a sociedade autóctone indígena mais avançada, cultural e economicamente, do que a européia e a *criolla* e, por isso, sofria uma opressão, de caráter imperialista funcional, para que se formasse uma ordem capitalista mundial. A única alternativa que as burguesias latino-americana e peruana ofereceriam às populações indígenas era o seu desaparecimento progressivo a partir da mestiçagem.

Buena parte de nuestros burgueses y “gamo-nales” sostiene calurosamente la tesis de la inferioridad del índio: el problema indígena es, a su juicio, un problema étnico cuya solución depende del cruzamiento de la raza indígena con razas superiores extranjeras [...] (MARIÁTEGUI, 1991, p. 213).

Em *Planteamiento*, temos um esquema sobre a forma como estava estruturada a dominação racial no Peru, a partir da análise objetiva da estrutura de produção e da organização das classes sociais naquela sociedade. Observa-se em Mariátegui a tendência a incorporar, de forma material e simbólica, as populações indígenas à civilização ocidental, com o intuito de desmoralizar a idéia de que a raça européia (raça branca) seria superior às demais; ao mesmo tempo, nota-se nele a propensão para demonstrar que a conquista colonial significaria retrocesso na organização social e política das raças indígenas. Em linhas gerais, o problema indígena estaria na submissão de uma sociedade mais avançada (a sociedade indígena incaica) a uma raça mais atrasada (a branca européia), que impôs, coercitivamente, um regime de exploração feudal por meio da grande propriedade agrária.

A contradição entre a propriedade coletiva da terra (estruturante da economia e da sociedade incaica) e a apropriação privada com a exploração da mão-de-obra indígena, a partir do regime feudal, era um elemento fundamental na estratégia de constituição do sujeito histórico, capaz de extinguir o sistema capitalista no Peru. A propriedade coletiva e os traços coletivistas da cultura incaica em contra-

posição à lógica egoística e individualista do sistema capitalista poderiam originar uma nova civilização, por meio da incorporação progressiva dos elementos da cultura ocidental, por parte da cultura incaica (especialmente da ciência e de suas descobertas tecnológicas). A seguinte passagem, em que Mariátegui cita o exemplo japonês e o compara com a situação dos indígenas peruanos nas áreas industrializadas e não-agrícolas, reforça essa inclinação:

Hace tiempo que la experiencia japonesa demostró la facilidad con que los pueblos de raza y tradición distintas de las europeas se apropián de la ciencia occidental y se adaptan al uso de su técnica de producción. En las minas y en las fábricas de la Sierra del Perú, el índio campesino confirma esta experiencia [...] (MARIÁTEGUI, 1991, p. 215).

Mariátegui procurou refutar a idéia de que a criação de uma nova cultura americana dependesse, exclusivamente, das forças raciais autóctones, recusando toda e qualquer contribuição estrangeira (como defendia a Apra). Para isso, sua tese tratou de localizar e compreender a situação econômica da população indígena peruana. Nas províncias em que predominava o trabalho agrícola, a oposição entre “branco” e “índio” acabou incorporando os “mestiços” indígenas, ampliando o conflito entre raça dominante e dominada, a partir da oposição *misti* (branco) e *cholo* (índio-mestiço).

No entanto, a predominância dos indígenas em atividades agrícolas não foi homogênea ao longo do território peruano: em algumas regiões, prevaleceram o arrendamento e o regime das “comunidades” (ou seja, os aldeamentos que mantiveram mais ou menos preservada a estrutura coletivista incaica) e, em outras, o agenciamento da mão-de-obra indígena na agricultura (trabalho semi-assalariado agrícola), a mineração e a indústria. Mesmo assim, a questão da raça indígena e a contradição entre seus interesses e os dos latifundiários (*gamonales*) eram atestadas pelas revoltas e rebeliões patrocinadas contra o *gamonalismo* durante toda a colonização do território peruano.

Mariátegui, todavia, preferiu concentrar-se em fatos, à época, relativamente recentes. O mais importante deles foi a realização, com apoio governamental, a partir de 1921, dos congressos indígenas. O caráter anual desses congressos e a progressiva radicalização de suas posições levaram à formação, no ano de 1923, da Federación Obrera Regional Indígena (que acabou não vingando,

de acordo com Mariátegui, por suas inclinações anarco-sindicalistas). Em 1927, houve a extinção, pelo Governo Federal, do comitê indígena, responsável pela organização dos congressos, devido à pressão dos *gamonales*, insatisfeitos com a onda de sindicalização no meio indígena. No mesmo ano, surge, em Cuzco, o Grupo Ressurgimento, formado por trabalhadores, artistas e intelectuais, duramente reprimido e perseguido pelas autoridades locais.

A partir dessa realidade histórica, para Mariátegui, a questão indígena funcionaria como medida, *qua facta*, da impossibilidade de uma via nacional da revolução latino-americana, liderada por suas respectivas burguesias:

La raza tiene, ante todo, esta importancia en la cuestión del imperialismo. Pero tiene también otro rol, que impide asimilar el problema de la lucha por la independencia nacional en los países de la América con fuerte porcentaje de población indígena, al mismo problema en el África o el África. Los elementos feudales o burgueses, en nuestros países, sienten por los índios, como por los negros y mulatos, el mismo desprecio que los imperialistas blancos. El sentimiento racial actúa en esta clase dominante en un sentido absolutamente favorable a la penetración imperialista. Entre el señor o el burgues criollo y sus peones de color, no hay nada de común. La solidariedad de clase, se suma a la solidariedad de la raza o de prejuicio, para hacer de las burguesías nacionales instrumentos dóciles del imperialismo yanqui o britânico. Y este sentimiento se extiende a gran parte de las clases medias, que imitan a la aristocracia y a la burguesía en el desdén por la plebe de color, aunque su propio mestizaje sea demasiado evidente [...] (MARIÁTEGUI, 1991, p. 215).

A relação das burguesias nacionais latino-americanas com as suas populações indígenas seria a evidência viva da impossibilidade de essas burguesias *criollas* finalizarem a construção de processos de luta e independência nacionais, capazes de universalizar direitos sociais e consolidar um sistema político republicano. Na concepção de Mariátegui, a associação entre a casta feudal dos *gamonales*, detentores de grandes propriedades de terras, e a burguesia industrial formaria a burguesia dominante dos países latino-americanos e interditaria qualquer querela de uma revolução nacional burguesa. A estrutura de produção agrícola coletivista

(*ayllu*) da população incaica, predominante no Peru, opor-se-ia à empresa capitalista e individualista de produção agrária, isto é, ao poder colonial dos *gamonales*.

4 Considerações finais

O novo enquadramento do pensamento de José Carlos Mariátegui abre espaço para que se rompa com o paradoxo entre “modernismo” e “modernização” que caracteriza a literatura sobre as sociedades latino-americanas (CANCLINI, 2000)². Do nosso ponto de vista, três fatores foram predominantes na formação do pensamento mariateguiano. Em primeiro lugar, a complexidade da sociedade incaica, baseada em uma estrutura econômica coletivista (*ayllu*), mesmo depois de séculos de exploração colonial, contribuiu para que Mariátegui e os socialistas peruanos forçassem o seu parentesco com a moderna utopia socialista. Em segundo, dado o atraso relativo das economias latino-americanas, entre fins do século XIX e início do XX, era visível o contraste entre o alto grau de desenvolvimento econômico das comunidades autóctones incaicas e o regime predominante nos latifúndios dominados pelos *gamonales*. Por fim, o contato de Mariátegui com as vanguardas artísticas europeias que, sobretudo após a Primeira Guerra Mundial, passaram a incorporar como “modernas” as manifestações culturais autóctones, como a crítica ao racionalismo predominante no mundo Ocidental (GUIMARÃES, 2003). Nesse sentido, o protagonismo político dos povos originários – indígenas – que engrossou e ainda anima as fileiras dos movimentos antiglobalização e antineoliberais, bem como impulsionou a eleição do líder indígena Evo Morales, na Bolívia, incorporou à agenda política de nosso continente novos sujeitos (articulações e movimentos indígenas) e temáticas (luta pelo reconhecimento cultural e simbólico).

Amauta revisited: the José Carlos Mariátegui's Indo-America (1895-1930)

In a period of growth and aggravation of the aboriginal people claim, in Latin America, which culminated in the election of Evo Morales to the presidency of Bolivia, the thought of the Peruvian intellectual José Carlos Mariátegui (1895-1930) became important to understand the historical and political processes, as well as the contradictions that involve the development of the Latin

American societies. The objective, in this article, is to analyze the Mariátegui's thought related to the natives' history role, in general, and to the Inca people, in particular, in Latin American political context.

Key words: Indians. Latin América. Mariátegui. Modernity. Socialism.

Notas

- 1 Em março de 1930, é internado de emergência na Clínica Villarán, onde morre em 16 de abril.
- 2 Em seu ensaio “Contradições latino-americanas: modernismo sem modernização?”, o sociólogo mexicano Nestor García Canclini explora o paradoxo das sociedades latino-americanas em que o *modernismo*, no plano cultural (manifestações artísticas e culturais), não vem acompanhado de *modernização* no plano político (direitos sociais e cidadania). (CANCLINI, 2000, p. 67-68).

Referências

- BERNSTEIN, E. *O socialismo evolucionário*. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- CANCLINI, N. G. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2000.
- FERNANDES, F. Prefácio. In: MARIÁTEGUI, J. C. *Sete ensaios de interpretação da realidade peruana*. 1. ed. São Paulo: Alfa Ômega, 1975. p. 21-28.
- GUIMARÃES, A. S. Intelectuais negros e a modernidade no Brasil. *Word Paper CBS-52-04*, Centre for Brazilian Studies, University of Oxford, 2003.
- KAUTSKY, K. A. *Questão Agrária*, São Paulo: Ed. Flama, [19--].
- MARIÁTEGUI, J. C. *Sete ensaios de interpretação da realidade peruana*. 1. ed. São Paulo: Alfa Ômega, 1975.
- MARIÁTEGUI, J. C. *Textos básicos*. 1. ed. Lima: Tierra Fime, 1991.

recebido em 26 out. 2006 / aprovado em 27 nov. 2006

Para referenciar este texto:

OLIVEIRA, F. N. de. Amauta revisitado: a Indo-América de José Carlos Mariátegui (1895-1930). *Cenários da Comunicação*, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 65-71, 2007.

